

Leitores e Imagens de Leitor em Dalton Trevisan e Rubem Fonseca

Bruno Gonçalves Zeni

Resumo

Dalton Trevisan e Rubem Fonseca foram vistos desde suas estreias em livro como mestres da narrativa curta e renovadores do realismo na literatura brasileira, inaugurando, cada um a seu modo, um novo momento da prosa urbana de ficção. Apesar do caráter representacional da escrita dos autores, alguns recursos narrativos desestabilizam o teor realista de suas obras. Dentre esses recursos, destaca-se a relação com os leitores empíricos e a figuração de leitores em seus contos. Esta pesquisa em nível de pós-doutorado realizou nos primeiros livros de contos de Dalton Trevisan e de Rubem Fonseca um recenseamento de imagens de leitor, destacando a importância que a leitura e a própria literatura exercem do ponto de vista formal e temática nas primeiras obras dos escritores em foco. Delimitamos como objeto de estudo os quatro primeiros livros de ambos os autores, a saber: *Novelas Nada Exemplares*, *Morte na Praça*, *Cemitério de Elefantes* e *O Vampiro de Curitiba*, de Trevisan, e *Os Prisioneiros*, *A Coleira do Cão*, *Lúcia McCartney* e *Feliz Ano Novo*, de Fonseca. A escolha das obras iniciais dos autores se justifica pela atenção às primeiras estratégias formais que definem as relações de tensão entre narradores, personagens e o leitor empírico. Partindo do referencial teórico da estética da recepção, especialmente das noções de leitor empírico e leitor implícito de Iser (1996, 1999), e nas formulações de Zumthor (2007) sobre a performance da leitura, o estudo procura identificar no momento inicial da carreira dos escritores uma intencionalidade autoral e certa expectativa de recepção que estabelecem um jogo de proximidade e distância entre autor, narradores e leitores. Essa relação dinâmica e multifacetada permite reler a obra inicial desses escritores para além das definições decantadas de realismo feroz (CANDIDO, 1979) e brutalismo (BOSI, 1981), considerando o leitor um elemento formal e construtivo das narrativas.

Palavras-chave

conto brasileiro; literatura brasileira contemporânea, prosa de ficção no Brasil, figuras de leitor

1 Pós-doutorando em Literatura Brasileira junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Bolsista Capes-PNPD. E-mail: brunozeni@gmail.com.

Este estudo de pós-doutorado sobre os leitores em Dalton Trevisan e Rubem Fonseca concentra-se na análise da relação entre os narradores e os leitores nos primeiros livros desses escritores. Empreendemos a leitura dos contos iniciais dos autores, partindo de um primeiro *corpus* de seis livros de Trevisan e de cinco livros de Fonseca. A partir de apontamentos sobre os contos, readequamos o objeto da pesquisa, reduzindo a quantidade de livros em análise. Delimitamos, posteriormente, o *corpus* do estudo aos quatro primeiros livros de cada autor: *Novelas Nada Exemplares*, *Morte na Praça*, *Cemitério de Elefantes* e *O Vampiro de Curitiba*, de Trevisan, e *Os Prisioneiros*, *A Coleira do Cão*, *Lúcia McCartney* e *Feliz Ano Novo*, de Fonseca.

Procuramos, conto a conto, identificar figurações de leitor, com especial atenção aos personagens leitores e às marcas textuais que pudessem indicar a incorporação do leitor empírico à estrutura da narrativa ficcional. Em ambos os autores, chama a atenção a recorrência da leitura e da presença de leitores e intelectuais. Essas ocorrências ganham mais relevo quando se constata que o universo social em que elas se dão é pouco favorável à leitura. Como se sabe, as narrativas dos autores apresentam uma realidade urbana degradada e muitas vezes conflagrada, em que a miséria e a violência atravessam as relações entre os personagens.

Nos primeiros livros de Dalton Trevisan, o pano de fundo é um universo familiar e patriarcal de moralidade provinciana e conservadora. A cidade de Curitiba e a sobrevivência de um mundo rural açoitado pelas transformações urbanas engendram existências angustiadas e solitárias, o sexo culposo e comportamentos violentos, muitas vezes descritos como doentios e desviantes. Essa fase inicial tem como ponto de chegada *O Vampiro de Curitiba*, precedido de *Novelas nada exemplares*, *Cemitério de elefantes* e *Morte na praça*.

Desde os primeiros livros de Trevisan, destaca-se a constituição instável e fugidia dos narradores e os recursos de inclusão do leitor no universo ficcional, a começar do título de seu primeiro livro de tiragem comercial, *Novelas nada exemplares*, que glosa as *Novelas exemplares* de Cervantes. O título remete ao livro do autor espanhol

mas oferece narrativas *não exemplares*. Com isso, volta-se desde o título ao leitor culto, marcando o caráter irreverente e provocativo dos relatos.

Essa relação com o leitor empírico ganha desdobramento na elocução narrativa característica de Trevisan. O embaralhamento de vozes de narradores e personagens, por meio do discurso indireto livre – algo que Waldman (1982) definiu como “permutabilidade de atos de fala” e “discurso-vampiro” – apela à participação do leitor para completar o sentido lacunar e fragmentado do que se narra. Alguns contos aliciam o leitor e o convocam a participar do universo ficcional, ao sugerir uma identificação do leitor empírico com o mundo narrado, em um jogo em que os leitores são levados a se equiparar ao senso comum dos moradores da cidade. É o caso de textos como “Cemitério de elefantes”, “A casa de Lili” e “Morte na praça”, entre outros.

Essa característica vai se consolidar em *O vampiro de Curitiba* (1965), no qual as falas de Nelsinho, o Vampiro, personagem principal e também narrador nos contos em primeira pessoa, se constituem por acumulação, com frases que se dirigem a diferentes interlocutores, em uma espécie de fluxo de consciência que transborda os pensamentos do protagonista. O personagem elabora seu discurso por meio de invectivas, faz uso de verbos no imperativo, que se confundem com um uso elíptico do subjuntivo, e emprega interpelações a um “você”, que é ele próprio e alusão ao leitor empírico.

Já em Rubem Fonseca, as relações de narradores e personagens com o universo letrado e com a leitura estabelecem, também desde o primeiro livro do autor, relações de incongruência: o universo culto e refinado de alguns personagens é perturbado pela ocorrência de um evento violento. Em nível formal, chama a atenção nas narrativas dos primeiros livros, uma variedade de recursos de composição, a começar da alternância entre os focos em primeira e terceira pessoa, do emprego da paródia ou da apropriação dos gêneros discursivos e literários (como o relatório, a peça teatral, a ficção científica, a narrativa policial) e do uso do kitsch e do clichê como uma espécie de pano de fundo em que vivem os protagonistas, que em geral falam e se relacionam a partir da perspectiva do senso comum.

Boris Schnaiderman (1994) destacou o convívio de “cultura e barbárie” que pauta os contos de Fonseca. Analisar esse descompasso e também a convivência, ora patética, ora trágica, de elementos eruditos e pop, e a confluência de um estilo límpido e impassível com a violência da ação narrativa, permite entender a literatura do autor como uma espécie de variação desencantada sobre o tema dos contrastes e contradições entre classes e universos que estão apartados econômica e culturalmente, mas que se encontram em um mundo urbano conflagrado. Se a relação entre narradores e o leitor empírico é mais sutil que em Dalton Trevisa, também nos contos de Rubem Fonseca alguns narradores e personagens são intelectuais, amantes da literatura, da poesia e da leitura, como em “Fevereiro ou março”, “Henri”, “O inimigo”, “Lucia McCartney”. Além disso, há trabalhadores ligados a atividades que dependem da escrita e da leitura, como os trabalhadores da imprensa e burocratas de escritório. Muitos contos encenam o encontro de figuras refinadas e eruditas com personagens incultos e de extratos mais baixos da população. Esse encontro, em geral, redundava em violência extrema, algo que irá culminar nos contos do livro *Feliz Ano Novo*, de 1975, em contos como “Passeio Noturno I e II”, “Nau Catarineta” e no texto que dá título ao livro.

A partir de reflexões da teoria da recepção, sobretudo de Wolfgang Iser, e da ideia de performance da leitura, de Paul Zumthor, procuramos compreender a inclusão do leitor no jogo da ficção e a intencionalidade dos autores como um diálogo contraditório, eivado de tensões, entre os mundos do espaço urbano, da leitura e da própria literatura. De acordo com os resultados de nossa pesquisa, concluímos que os primeiros livros de contos de Dalton Trevisan e de Rubem Fonseca apresentam recursos de composição textual que estabeleceram estilos narrativos bem marcados, mas que ainda merecem análise, com destaque para o jogo ambíguo de sedução, provocação e que se estabelece com o leitor dos contos.

As figurações de leitor nos contos iniciais desses escritores possibilitam compreender o leitor não apenas como um destinatário passivo, mas como elemento constitutivo, dinâmico e participativo do mundo erigido pela narrativa de ficção. Além

disso, rever essa produção inicial de Trevisan e de Fonseca permite revisitar conceitos decantados sobre as obras desses autores (“realismo feroz”, nas palavras de Antonio Candido, e “brutalismo”, segundo Alfredo Bosi).

Referências bibliográficas:

De Dalton Trevisan

Joaquim. Edição fac-similar. Curitiba: Imprensa Oficial do Governo do Paraná, 2000.

TREVISAN, Dalton. *Novelas Nada Exemplares*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. *Minha Cidade*. Curitiba: Requião, 1960.

_____. *Morte na Praça*. Editora do Autor, 1964.

_____. *Cemitério de Elefantes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *O Vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Desastres do Amor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *A Guerra Conjugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. *Mistérios de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. *Pico na veia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Macho não ganha flor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Violetas e pavões*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

De Rubem Fonseca

Fonseca, Rubem. *Os Prisioneiros*. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

_____. *A Coleira do Cão*. Rio de Janeiro: GRD, 1965.

_____. *Lúcia McCartney*. Rio de Janeiro: Olivé, 1967.

_____. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.

_____. *O Cobrador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. *Romance Negro e Outras Histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Bibliografia sobre os autores estudados

BARBOSA, João Alexandre. “Onze contos insólitos”. In: *Opus 60*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

BRANDÃO, Luís Alberto. *Grafias da Identidade: Literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Lamparina/Fale (ufmg), 2005.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. *Mau Gosto e Kitsch nas Obras de Clarice Lispector e Dalton Trevisan*. São Paulo, 1999. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira), FFLCH-USP.

LAFETÁ, João Luiz. “Rubem Fonseca: Do Lirismo à Violência”. In: *A Dimensão da Noite*. Organização de Antonio Arnoni Prado. Duas Cidades/Editora 34. São Paulo: 2004.

MONTI, Tony. *Escritores e Assassinos: Urgência, Solidão e Silêncio em Rubem Fonseca*. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira). Orientação de Vagner Camilo. FFLCH-USP, 2011.

OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da Catástrofe. Experiência Urbana e Indústria Cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

SANTIAGO, Silviano. “Errata”. In: *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANCHES NETO, Miguel. *Biblioteca Trevisan*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

SCHNAIDERMAN, Boris. “Vozes de barbárie, vozes de cultura. Uma leitura dos contos de Rubem Fonseca”. In: Fonseca, R. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVA, Deonísio da. *O Caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Alfa-ômega, 1983.

_____. “A violência nos contos de Rubem Fonseca”. In: *Um Novo Modo de Narrar*. São Paulo: Cultura, 1979.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. *A Aporia do Sentido: Uma Leitura da Intertextualidade nos Contos de Dalton Trevisan*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

VIDAL, Ariovaldo José. *Roteiro para um Narrador: Uma Leitura dos Contos de Rubem Fonseca*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

WALDMAN, Berta. *Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

_____. “Tiro à Queima-roupa”. *Novos Estudos Cebrap*, n. 77. São Paulo, 2007.

_____. *Do Vampiro ao Cafajeste*. São Paulo: Hucitec, 1982.

Bibliografia Geral

ADORNO, Theodor W. “Posição do Narrador no Romance Contemporâneo”. In *Notas de literatura I*. Trad. de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.

_____. *Minima Moralia: Reflexões a Partir da Vida Danificada*. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BARTHES, Roland. “A Morte do Autor”. In: *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. vol. 1. 4ª ed. S. Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. “Experiência e Pobreza”. In: *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos Escolhidos)*. Sel. de Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*, 35ª ed., São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. “Situações e Formas do Conto Brasileiro Contemporâneo”. In: *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. 4ª edição. São Paulo: Cultrix, 1981.

CANDIDO, Antonio, *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 8ª edição, 2002.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*, 7ª edição, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Itatiaia, 1975.

_____. “A Nova Narrativa” (1979). In: *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*, Ática, 2ª edição, São Paulo, 1989.

_____. (org.). *A personagem de ficção*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CARONE, Modesto. “Anotações sobre o Conto”. In: *Boa Companhia – Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORTÁZAR, Julio. “Do Conto Breve e seus Arredores”. In: *Valise de Cronópio*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. “Alguns Aspectos do Conto”. In: *Valise de Cronópio*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 44.

GENNETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Alvaro Falleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

_____. *Palimpsestes. La Littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GUIMARÃES, Helio de Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis: O Romance Machadiano e o Público de Literatura no Século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*. 2 volumes. São Paulo: Editora 34, 1996 e 1999.

JOLLES, André. *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Nouvelle Édition Augmentée. Éditions du Seuil, 1975, 1996.

_____. “Autobiografia e Ficção”. In: *O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Trad. de Jovira Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Neves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PIGLIA, Ricardo. “Teses Sobre o Conto”. In: *O Laboratório do Escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

POE, Edgar Allan. “Filosofia da Composição”. In: *Poemas e Ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

_____. (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TCHEKHOV, Anton. *Sem Trama e Sem Final*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.